



ARTESANATO DO
LIGEIRO DE BAIXO I
por Ivo Leonio

ARTE COM BARRO NO CARIRI: MULHERES MOLDANDO FORMAS

Por Adriana de Fátima Meira Vital

O solo é um meio colorido. É um retalho de cores, texturas, consistências, estruturas, cujo surgimento se dá a partir da ação dos elementos climáticos sobre a rocha-mãe, com influência do relevo, dos organismos vivos, no tempo de Deus - centenas, milhares ou milhões de ano. São as energias do elemento masculino e feminino agindo no milagre da vida desde o princípio, promovendo o fendilhamento, a desagregação e a transformação da rocha-mãe em solo, num processo continuado, chamado na Ciência do Solo de intemperismo.

É assim, nesse processo de constante transformação, que são originados os mais diversos tipos de solos: alguns com cores mais avermelhadas, amareladas ou alaranjadas; outros em tons mais escuros, brunados, pretos, cinzas, brancos. Surgem até, sob certas condições, solos azulados ou esverdeados para o encanto dos apreciadores. É a Natureza que tingem com um colorido todo especial esse recurso natural, sustentáculo da vida sobre a Terra.

Quando a gente se detém na manipulação deste material, complexo pela própria natureza, é possível sentir suas diferentes texturas: alguns mais grosseiros ao tato, os arenosos, outros de uma sedosidade incomparável, traduzindo os teores de silte ou limo e por fim os que têm a maciez da argila.

Como tudo na Natureza carece de tempo para se firmar, há os solos mais jovens, com pouca profundidade, de formação incipiente, como a própria adolescência, onde a presença de pedregosidade denuncia a necessidade de cuidados para que possam amadurecer convenientemente e há os mais velhos ou mais profundos, que já perderam grande parte de suas aquisições iniciais e por isso mesmo reclamam igualmente a conservação de sua capacidade produtiva; há solos

secos e alagados, férteis ou pobres em nutrientes, os que se prestam ao uso agrícola para saciar a fome dos homens e animais e os que necessitam da proteção destes.

Os solos são muito importantes em nossa vida. Deles dependem todas as atividades humanas. O solo é o grande reservatório dos segredos da vida. A relação do homem com o solo remonta aos primórdios da própria agricultura, quando o homem passou de coletor a cultivador. Da mesma forma o uso não agrícola do solo se perde na poeira dos tempos quando o homem aprendeu na lida diária e em meio às muitas

necessidades surgidas, a transformar os duros fragmentos do minério em utensílios para o trato com a terra, as pedras comuns na edificação de abrigos para sua proteção e a usar o solo na confecção de utensílios para o preparo dos alimentos.

Dentre as inúmeras possibilidades de uso do solo, destaca-se a atividade artística, sendo uma de suas aplicações as esculturas e cerâmicas em argila.

As ceramistas locais ou "loiceiras" são pessoas que atuam direta e regularmente na modelagem de cerâmica utilitária para venda. Nessa atividade a predominância feminina é marcante na produção das peças: a escolha dos recursos cerâmicos e a modelagem dos vasos são atribuições majoritariamente femininas, cujo aprendizado é passado por mulheres, em geral pelas mães.

**[...] a certeza de que sua arte
contribui para o resgate do
saber de sua gente e
valorização do solo em que se
pisa e que mantém a vida.**

No Cariri paraibano, a fabricação de objetos de cerâmica da comunidade do Ligeiro de Baixo é voltada para a geração de trabalho e renda, centrando o foco nas determinações de sua existência social como produção, distribuição e comercialização.

A matéria-prima, o barro, é obtida em áreas próximas, em região de serra. A retirada e o transporte, em sacos nas costas ou em lombo de burro, são de modo geral tarefas que cabem aos homens, embora muitas mulheres também delas se ocupem, mas a escolha do local de coleta é sempre da mulher, num processo de identificação que sugere uma ligação íntima da mulher com a Natureza, que é mãe também.

Quem se detiver em acompanhar o dia de trabalho dessas mulheres, vai poder se enriquecer de seu saber-fazer. Elas se vão em meio à Caatinga, mulheres algo divinas, heroínas, fadas com uma varinha na mão, não de condão, mas de marmelo, para ouvir o solo tinindo, num sussurro mágico que somente elas conhecem, como a dizer que ali está guardado o tesouro da modelagem das peças pretendidas.

Seguem a passos rápidos Quitéria, Elizabete, Maria José, Fátima e Veralúcia, olhos que veem e ouvidos que ouvem, acostumados que estão com o som do barro que lhes empresta o sustento. Andam apressadas, como se soubessem exatamente onde encontrar o precioso recurso. No ambiente catigueiro nada lhes passa despercebido; tudo lhes é familiar. Há um quê de cumplicidade, de sintonia, de pertencimento. Sorriso nos lábio, chegam ao local e, como que reverenciando o solo, abaixam-se, agacham-se para ouvir os gemidos da terra. Batem a vara, escutam o eco; apanham um punhado de barro, esfregam entre as mãos. Cheiram. Reconhecem o material. É o local da coleta.



Essas mulheres, cheias de encanto e sabedoria, apreendida em meio a lida com a terra, que também é mulher e mãe, fazem seus objetos de cerâmica através de técnicas tradicionais, nas quais não aplicam nenhum mecanismo de industrialização. Tudo é simplicidade, cuidado, desvelo, exigindo delas paciência, pois barro é preparado em sucessivas etapas: depois de coletado no campo, o barro seco, antes de ser armazenado e molhado, é quebrado em pequenos pedaços, para isso elas usam um mão de pilão ou barrote de madeira para socar, em seguida, peneiram, acrescentando água.

O barro então é amassado e re-amassado até que as artesãs, em sua vivência mágica com a arte de dar forma a terra, entendam que a pasta está pronta. A vivência diária lhes permite descobrir “coisas” na sua arte e um passo essencial, nesse processo, consiste em despinicar, isto é, tirar as impurezas; outras vezes, é necessário misturar barros diversos para se obter uma boa liga.

ARTESANATO DO
LIGEIRO DE BAIXO I
por Ivo Leonio

Pronto o material, partem para a ação-criação. Sentadas na sala de casa, cercadas de barro, bacias com água, pedras, seixos, panos, elas começam a amassar o barro, moldando-o a seu bel prazer. Eis que de repente, a argila toma forma, surge das suas mãos, a arte em formas diversas: painéis, bonecas, jarras, enfeites. Objetos grandes e pequenos surgem em pouco tempo e as mãos mágicas e ágeis dessas mulheres continuam moldando a forma, e vão surgindo detalhes que embelezam, que definem, que diferenciam, que personalizam. Pronta, a peça é posta no forno, porque é preciso o calor para sustentar, para firmar. Somente os que passam intactos pela provação do fogo serão dignos de serem chamados “arte”. As peças são então guardadas, em ambiente igualmente simples, pois simplicidade é sinônimo também dessas valorosas mulheres, para depois serem transportadas para o conhecimento geral, para a comercialização na simplicidade das feiras livres, que também são espaços de saber e de diálogo cultural dessa gente brava e valorosa. Há também peças que viajam quilômetros para enfeitar ambientes, emprestando a esses espaços o nome das loiceiras do Cariri.

Vida simples, dia a dia desafiador, sol escaldante, futuro a construir, mas a alegria estampada na face dessas divas aponta para a certeza de que sua arte contribui para o resgate do saber de sua gente e valorização do solo em que se pisa e que mantém a vida.

A arte com terra não pode desaparecer; deve se perpetuar, ultrapassar barreiras espaciais, temporais. Arte é sinônimo de criação, de transformação, de vida. No Cariri da Paraíba há mulheres, que criam, que dão formas diferentes à terra. Chamam-se Quitéria, Elizabete, Maria José, Fátima e Veralúcia. Artesãs. Loiceiras. Em suas mãos o barro se transforma. A depender delas, a arte da loiça de barro será preservada. 🍷



SINETICA

INDÚSTRIA DE CALÇADOS

CONTATOS:

FIXO(88) 3512-3275
TIM (88) 9602.8642
CLARO (88) 9214.9569
OI (88) 8818.5396
VIVO (88) 8134.3621

E-mail: contato@sintetica.ind.br
comercial@sintetica.ind.br

Rua Santa Cecília, 1126, Salesianos,
Juazeiro do Norte/CE